

Revisão Bibliográfica.

Júlio Andrade Ferreira:

Conheça a sua Bíblia

(Editôra Aloisi Ltda. Piracicaba — 1962)

Querendo dar uma ligeira característica da obra, poderíamos designá-la de um curso de leitura completa da Bíblia que coordena e explica os livros da Escritura.

Ao abrirmos o livro encontramos já na capa alguns dados referentes ao autor. Era êle durante anos pastor no interior de São Paulo, sendo depois chamado para o Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, onde ocupa as cátedras de Teologia e Apologética. Nasceu, pois, êste livro de uma longa experiência prática, unida com uma visão teológica firmada. Temos em mãos uma obra que nasceu no Brasil. Sentimo-nos chocados, no entanto, por uma observação que encontramos no mesmo artigo e que parte da Editôra: «Como êle (o autor) mesmo diz, não fêz uma obra de erudição, mas de aplainamento. O Brasil está necessitando, não de conhecer profundezas de teólogos estrangeiros, mas de contacto com a Bíblia mesma». São aquelas profundezas de teólogos estrangeiros apenas 'hobbies' supérfluos? Tornar-se-ia aqui necessário especificar estas «profundezas», pois, sem isto, Calvino e Lutero estariam sob a mesma crítica. Não partiu esta frase de um nacionalismo errado? Convém, porém, ressaltar, que ela não parte do autor, pois êle mesmo escreve sôbre a sua obra: «O curso é de caráter popular. Ninguém que pretenda erudição deve dar-se ao trabalho de ler estas páginas. Para isso há outros livros, principalmente em língua inglesa» (Pg. 8). E mais: «O alvo não é ler o meu livro, mas ler a sua Bíblia». Ressaltamos como positivo o fato de o livro ter nascido no Brasil, não para apoiar certo nacionalismo prejudicial, mas sim, para elogiar a linguagem fluente, na qual é visto o leitor como membro da sociedade brasileira. É evitada uma terminologia científica, a qual, no que se refere em especial, a têrmos técnicos da Teologia, dificultaria ao leitor o entender do escrito. Os exemplos práticos que aparecem são tirados da vida brasileira.

Dado o alvo da obra 'Conheça a sua Bíblia', examinemos, se o autor realmente faz jus ao seu propósito e quais os métodos que êle usa.

A Bíblia permanece tal como é. A formação do povo de Israel p.ex. é vista como a Bíblia a descreve e não como a teologia atual do Antigo Testamento a compreende. Isto, porém, não diz necessã-

riamente, que êstes novos conhecimentos sejam ignorados ou negados. Seriam mais a missão de outros livros que formariam uma seqüência de cursos destinados ao estudo da Bíblia. Seria, pois, esta obra o primeiro dos cursos. O método empregado no livro melhor explicará esta nossa observação.

«Cada capítulo desta obra só deve ser lido, após aceito o desafio da leitura correspondente de um certo número de capítulos da Escritura» (Pg. 8).

Primeiro nos é dado um aspeto geral da «História Sagrada», no qual, tendo um gráfico ao lado, passamos em apenas duas páginas o desenvolvimento histórico, desde a criação até o Apocalipse. Seguem-se então 28 lições do Antigo Testamento, nas quais é prescrita a leitura de um certo número de capítulos da Bíblia, sendo êstes comentados no que se refere a seus paralelos na Bíblia, ao seu sentido histórico e teológico. A seqüência dos livros difere daquela que tradicionalmente encontramos na Bíblia. A seqüência é formada pela história. Isto resulta na intercalação dos salmos e dos livros proféticos entre os capítulos dos livros dos Reis e das Crônicas, que relatam as situações políticas, nas quais surgiram aquêles livros. Sendo também êstes dois últimos complexos lidos e comentados paralelamente, obtém o leitor uma visão certa e organizada da Bíblia. O mesmo acontece nas 21 lições do Nôvo Testamento, no caso das epístolas de Paulo. Estas são intercaladas entre os comentários sôbre as viagens missionárias. Quer o autor que todos tenham de sua Bíblia um conhecimento total e não fragmentário. E neste seu objetivo o estilo quase escolar de suas lições, que sômente uma vez excedem o número de 6 páginas, antes incentiva o leitor do que o impede de ler a sua Bíblia.

Na transição do Antigo para o Nôvo Testamento encontramos em três páginas um resumo do Antigo Testamento que quer preparar para a leitura do Nôvo Testamento.

Convém ressaltar ainda que as 49 lições vêm acompanhadas de 68 gráficos, que, bem elaborados, facilitam leitura e compreensão. Além dêstes, e aqui notamos a longa experiência na prática, encontramos muitíssimos recursos mnemônicos, dos quais citamos um só como exemplo. Para lembrar o conteúdo de algumas epístolas paulinas descobriu o autor que a primeira letra da palavra que indica o rumo principal do conteúdo da epístola coincide com a primeira letra de seu título: Colossenses — Cristologia, Efésios — Eclesiologia, Filipenses — Felicidade e Filemon — Fugitivo.

No tocante ao Nôvo Testamento estranhamos a falta de decisão do autor ao referir-se a apóstolos: Em algumas lições são êles chamados de S. Pedro, S. João, S. Paulo etc. enquanto que em outras aparecem como Pedro, João, Paulo, etc. Tal indecisão confunde o leitor.

Quase cada lição termina com uma «aplicação espiritual», que não entra em pormenores — o objetivo do livro não permite isto —

mas que quer tornar proveitoso de um modo geral o que fôra lido. Podemos, às vèzes, concordar com estas aplicações, como acontece p.ex. após a lição sôbre a Igreja em Antioquia: Relatando a imensa contribuição desta Igreja para a missão — era ponto de partida e de descanço do apóstolo Paulo — conclui o autor: «Uma Igreja é missionária ou não é Igreja. Porque Igreja que não evangeliza é um clube» (Pg. 226). Sendo, porém, estas aplicações comentários particulares do autor, havemos de, em várias lições, lançar a pergunta: É esta explicação exata?

Alguns exemplos: 1. São nos apresentados, após a lição sôbre os patriarcas (Pg. 21) Abraão como «o exemplo do homem de fé», Isaque como «o exemplo do homem pacífico» (isto é concluído do fato de Isaque, para evitar contendas, ter cavado várias vèzes um outro poço) e Jacó como «o exemplo do homem convertido». Em foco estão três qualidades humanas, que distinguem os patriarcas. É êste o objetivo do Antigo Testamento? Ou não querem muito mais êstes relatos mostrar e testemunhar, de que e como Deus guia os seus e os usa como instrumentos, apesar de seus êrros, para realizar a sua vontade? Além disso são omitidos completamente numa tal compreensão dos patriarcas os seus êrros humanos, os quais a Bíblia de maneira alguma quer camuflar. Assim também mais tarde (Pg. 174) o autor nos, pode apresentar José e Moisés como «heróis». E parece-nos partir desta mesma compreensão também a observação a respeito do 'por que' pelo qual o Reino do Sul conseguiu resisitir 140 anos mais à destruição do que o Reino do Norte: «Houve resistência moral» (Pg. 134).

2. Na mesma aplicação sôbre Abraão (Pg. 21) encontramos outra tese duvidosa. Referindo-se à obediência de Abraão à ordem divina de sacrificar seu filho, diz o autor. «Abraão crê na ressurreição... Demonstrou fé em muitas circunstâncias da sua vida, mas nessa hora êle demonstrou fé «cristã». Isto é, fé na ressurreição». Mesmo apontando para Hebreus 11, 18 não pode ser esta fé chamada de «cristã». Conforme Hebreus, Abraão crê no poder ilimitado de Deus e não num testemunho vivo que pudesse dar-lhe um sentido em sua vida.

E perguntemo-nos, olhando a lição sôbre a dádiva da Lei em Êxodo (Pg. 48): Como pode o autor ver na expressão: «Ser-me-eis santos, porque Eu, o Senhor Deus, sou Santo e vos separarei dos povos para serdes meus etc.» um «paralelo» à Sta. Ceia? Só o pode, esquecendo-se na Sta. Ceia do principal, do perdão. Assim êle diz: «O que se deve saber é: «Deus, de nôvo, apela à minha consciência, reconheço o êrro, arrependo-me e abandono o pecado...» «Ao me comunicar com Êle, terei, por isso mesmo, maior força para vencer o pecado».

Em apenas êstes dois exemplos já notamos uma certa tendência do autor em achar já no Antigo Testamento o evangelho, a obra de Cristo. Assim aparece também Isaías como o «profeta evangélico» (Pg. 131). Mas não podemos desfazer os feitos de Cristo nem

ignorar suas palavras do Sermão do Monte: «Ouvistes que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo...».

3. Estranhamos mais ainda que na lição sôbre a «Última Semana» de Jesus (Pg. 206) falta completamente a aplicação espiritual, fato que em quase nenhuma lição acontece. Admite o autor que os relatos sôbre esta Semana ocupam (relativo a um só assunto) o maior trêcho da Bíblia. Bem é explicada a particularidade de João, mas nos falta, o que Lutero tanto acentuara: Pro nobis, sola gratia. Enquanto isso dedica o autor a maior aplicação espiritual de seu livro à Ressurreição (Pg. 207 seg.), chegando a dizer: «A ressurreição de Cristo é o grande fundamento da Igreja». Podemos nós aceitar esta tese, sem colocar logo a seu lado a outra. «Tôda a vida e substância da Igreja consistem na **palavra de Deus**? O autor, porém, não o menciona. Vê êle a Igreja colocada sôbre um fundamento dos apóstolos, mas faz aqui logo a sua restrição: «O fundamento dos apóstolos é a fé na ressurreição» (Pg. 217). Como se os apóstolos tivessem recebido sômente a revelação da ressurreição! Terá o autor herdada esta compreensão da antiga ortodoxia presbiteriana, que ressaltava a divindade na pessoa de Cristo, não achando bem a ligação com a sua humanidade?

O fato é que no livro constatamos a falta quase que completa da palavra da cruz.

Torna-se, assim, evidente, que leiamos as aplicações espirituais com muita precaução.

Mas mesmo uma crítica como a que temos feito não destrói o valor do livro, embora que o diminua muito, pois o leitor é imensamente auxiliado na difícil tarefa de conhecer a sua Bíblia.

Recomenda a Editôra o livro em especial aos cooperadores leigos, ativos na Igreja, e como tal o livro realmente é um bom recurso nas mãos de auxiliares. Poderá esta obra ser-nos um bom instrumento, para que a Bíblia não permaneça na estante de nossos membros, mas seja realmente lida e (em grande parte) compreendida.

Quis o autor dar um guia pela Bíblia e não um compêndio de dogmática. E dêste seu objetivo podemos constatar, que realmente lhe fêz jus. Era uma das obras de primeira necessidade para as nossas comunidades, pois a explicação da Palavra de Deus tornar-se-á muito mais proveitosa, se o pregador puder contar com o conhecimento geral de tôda a Bíblia por parte de seus membros.

Helmut Burger